

A legalização da maconha nos EUA e o movimento antiproibicionista

No país onde nasceu a guerra às drogas, 68% querem liberar o consumo da maconha. Pilares que antes sustentavam o proibicionismo são abalados e sua manutenção, questionada

Laura Girardi Hypolito
17 de novembro de 2020

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



Figuras públicas como o presidente eleito dos Estados Unidos, Joe Biden, falam abertamente sobre a necessidade e a importância de legalizar a droga

É inegável o espaço que o movimento antiproibicionista tem conquistado nas últimas duas décadas no cenário global. Nos Estados Unidos, essa realidade não é diferente e é possível perceber nos últimos anos mudanças de paradigma significativas no tratamento dado à maconha.

O país que se tornou símbolo da guerra contra as drogas no início do século XX possui atualmente 35 estados, mais o Distrito de Colúmbia, que permitem a utilização da *cannabis* com fins medicinais, e outros 31 que descriminalizaram o consumo e porte de pequenas quantidades para uso próprio da substância. Contudo, o que mais chama atenção é o fato de que 15 estados - além da capital, Washington D.C -, já legalizaram a produção e a venda da droga para o consumo com fins recreativos. Os parâmetros legais para a compra da droga variam em cada localidade, mas usualmente são muito semelhantes àqueles estabelecidos para o álcool, como ter idade mínima de 21 anos para aquisição e a proibição de dirigir no caso de a substância ter sido consumida previamente.

Apesar de o país estar passando por uma onda de descriminalização e legalização - com destaque para Oregon, que se tornou o primeiro estado a descriminalizar todas as drogas consideradas ilícitas - existem disparidades no tratamento dado aos usuários dentro do território nacional. Por ser autorizado aos estados criarem suas próprias leis penais e em vista de a legislação federal ainda criminalizar o porte e o uso da maconha, o viés antiproibicionista enfrenta forte resistência em estados mais conservadores, o que tem acarretado consequências dramáticas.

O país, que na década de 80 adotou políticas de tolerância zero para enfrentar as questões da criminalidade, mantém hoje mais pessoas presas do que qualquer outra nação do mundo. Este encarceramento em massa faz com que os EUA abriguem atualmente 25% de toda população carcerária do planeta, não obstante os americanos representem apenas um total de 5% da população mundial. No país, a cada ano há mais prisões apenas por porte de maconha do que a soma de todos os crimes violentos. Só em 2019, mais de 545 mil pessoas foram presas por delitos relacionados à maconha e, desse total, 92% correspondiam apenas à posse. O que significa dizer que, naquele ano, a cada 58 segundos uma pessoa foi presa apenas por portar a droga no país.

Ademais, sabe-se que as abordagens policiais são em regra seletivas e arbitrárias e recaem desproporcionalmente sobre a população jovem de pretos e latinos, ainda que as taxas de consumo da população branca estejam no mesmo patamar da habitualidade. Desta maneira, o que a criminalização da droga faz é abrir margem para encarcerar amplamente parcelas específicas da população, enquanto outras, que não possuem marcadores sociais determinados, escapam aos olhos dos agentes punitivos estatais.

A insistência na manutenção de repressões desproporcionais e estigmatizantes é ainda mais incoerente quando se tem conhecimento de que 45% da população norte americana admitiu já ter utilizado maconha. Além disso, o empenho na aplicação das leis que criminalizam a posse da droga tem um custo de aproximadamente R\$ 3,6 bilhões por ano para os cofres públicos. Ou seja, uma quantidade excepcional de dinheiro é direcionada para uma guerra que, além de já ter se provado perdida, aponta suas armas contra uma conduta assumida por quase metade dos cidadãos norte-americanos.

Ainda, desde que a legalização foi implementada no Estado do Colorado, em 2014, as mortes relacionadas à overdose causadas por abuso de opioides – um grave problema de saúde pública no país – sofreram uma redução mensal de 0,7%, após anos de crescimento constante. Em nível nacional, nos estados que já legalizaram a maconha medicinal e recreativa houve uma redução de 25% das mortes relacionadas ao abuso de substâncias opioides, em comparação aos estados que ainda não possuem acesso legal à *cannabis*.

O fato de todas estas constatações estarem sendo reiteradamente postas em evidência faz com que os pilares que antes sustentavam o proibicionismo estejam sendo abalados e sua manutenção fortemente questionada. Os grupos que lutam pela legalização da maconha no país estão cada vez mais estruturados e o número de seus adeptos não para de crescer. Figuras públicas do cenário político, como o presidente eleito Joe Biden, os ex-presidentes Barack Obama, Bill Clinton, Jimmy Carter e Pat Robertson, além de outros que vão desde governadores a senadores e deputados, estão falando abertamente sobre a necessidade e a importância de legalizar a droga.

É evidente que a legalização da maconha por si só não é suficiente para romper de vez com o modelo de criminalização das drogas. No entanto, ao considerar que estes avanços – em relação à *cannabis* – têm ocorrido no solo que deu vida a toda a ideologia de proibição, não há como negar sua importância. Além do mais, 68% dos cidadãos norte-americanos acreditam que a maconha deveria ser legalizada. Esta cifra, que nunca foi tão alta, demonstra que fronteiras morais estão sendo derrubadas e que o caminho para mudanças no tratamento dado às drogas está sendo traçado no país.

Laura Girardi Hypolito

Doutoranda em Ciências Criminais %u2013 PUCRS

<https://www.fontesegura.org.br/seguranca-no-mundo1/z5i85h3h3o>

